



PAULO DO CARMO MARTINS

LEITE PARA DESENVOLVER REGIÕES

Este artigo é sobre como o leite pode ser usado para organizar uma sociedade pobre e gerar desenvolvimento econômico e social. Isso está acontecendo no interior de Goiás, de modo planejado, e pode acontecer em qualquer lugar deste imenso Brasil. Basta querença.

Vamos começar esta história pelo início. Quando assumi a direção da Embrapa Gado de Leite, em 2004, os recursos públicos estavam muito escassos, mas eu havia decidido que minha administração seria pautada pela gestão da abundância, e não pela gestão da escassez. Então, o único caminho seria buscar recursos junto ao setor privado e apresentar projetos aos diferentes ministérios, numa negociação direta.

Em pouco tempo, nossa estratégia começou a dar retorno e a cada ano ficamos menos dependentes do orçamento público, dos repasses automáticos do Governo. Nos últimos dois anos da gestão, não considerando gastos com salários, 78% de todos os recursos empregados na Unidade de pesquisa foram extra-orçamentários. Outra diretriz da minha administração é que iríamos pensar sempre sob a ótica de cadeia produtiva, não apenas no setor de produção.

Em fevereiro de 2005, proferi palestra na *workshop* anual da Abiq-Associação Brasileira da Indústria do Queijo, em São Paulo. Lá, conversando com empresários do setor, fiquei sabendo que as empresas de laticínios tinham o ônus de, elas mesmas, formarem mão de obra para trabalhar nas fábricas, pois nenhuma entidade cumpria esse papel, que é o de preparar pessoas para produzir derivados lácteos de qualidade. Isso é um problema primário! É claro que as empresas precisam receber pessoas prontas ou quase prontas. Formá-las no dia a dia reduz a produtividade, aumenta os desperdícios e torna mais difícil manter produtos com padrão de qualidade.

Por coincidência, naquele momento eu negociava projetos que garantiriam repasse de recursos do Ministério da Integração Nacional para que pudéssemos desenvolver diferentes ações em Goiás. Não foi difícil alocar R\$ 400 mil para a criação de um pequeno Laticínio-Escola, que viesse a formar mão de obra para Goiás, até então, o segundo maior Estado em termos de produção e o maior exportador de leite para outros estados do Brasil. O projeto era instalar este Laticínio-Escola ao lado de uma fazenda-modelo que temos dentro da Embrapa Arroz e Feijão. Ali, o Senai iria ensinar a produzir derivados lácteos por meio de cursos rápidos e específicos.

Lideranças da região de São Luiz dos Montes Belos, município localizado a cerca de 170 km de Goiânia, ficaram sabendo do projeto e reivindicaram a instalação do Laticínio-Escola lá, no Arranjo Produtivo Local-APL que eles haviam criado. APL é um conceito europeu e recém-introduzido no Brasil. A ideia é, num mesmo espaço, que pode ser apenas um município ou uma região, reunir empresas que produzem insumos, equipamentos, processadores, prestadores de serviços, comerciantes, associações e representação relacionados a um produto para que sejam desenvolvidas ações coordenadas de produção, cooperação e aprendizagem.

Procurei saber o motivo da criação do APL do leite na região de São Luiz dos Montes Belos. Fui informado que aquela região estava deprimida economicamente e que as lideranças viam somente no leite a oportunidade de reverter esse quadro. Então, estabeleci três pré-requisitos para criar o Laticínio-Escola em São Luiz dos Montes Belos. O primeiro era a aquisição de um terreno específico para sua instalação. O prefeito da época me surpreendeu, ao me permitir escolher o terreno que eu considerasse o mais apropriado. Decidi por um terreno privado, que

fazia divisa com o terreno da UEG-Universidade Estadual de Goiás, que na época não tinha uso. O segundo requisito era que a UEG criasse um curso de tecnólogo em laticínios. O terceiro era o Governo do Estado dotar o Laticínio de infraestrutura: água, luz e asfalto no pátio de recepção do leite.

O curso foi criado, professores foram contratados, vestibular foi realizado. Em 2006, ministrei a primeira aula magna para a primeira turma do curso de tecnologia em laticínios da UEG e também fui o paraninfo daquela turma, já em 2009. Pois, no dia 25 do mês passado, voltei lá para proferir uma palestra e receber uma homenagem do APL. E confesso que fiquei favoravelmente impressionado com o que vi. Criaram a Feilac, uma feira moderna, que congrega produtores e empresas. Por outro lado, a UEG investiu no terreno ao lado do laticínio-escola e construiu uma fazenda-modelo bem estruturada, para que os alunos possam ter aulas práticas. Além disso, conheci professores com mestrado e doutorado que se mudaram para São Luiz dos Montes Belos e estão realizando pesquisas, num município que tem apenas 30 mil habitantes. Também revi ex-alunos que estão trabalhando em laticínios da região, o que inclui uma fábrica da LBr.

Mas o que mais me emocionou foi conversar com os produtores. José Altamiro, de Firminópolis, por exemplo, tem apenas 2,6 ha, e com 6 vacas em lactação está chegando a 100 litros/dia. Já Benedito Cezário produz 240 litros/dia em 22 ha. Fábio Silva, em 18 ha, produz 410 litros/dia. Antônio Carlos de Souza mantém uma produtividade de 19 litros por vaca. Sérgio Lobo produz 1.450 litros/dia em 135 ha. Todos eles residem na propriedade, todos têm no leite a principal fonte de renda da família.

Alguém já deve estar perguntando: ué, mas o que esse pessoal tem de especial para ser citado? Ora, vi produtor com filha na universidade, como Antônio Carlos, com o olhar marejado dizendo que isso ele deve ao leite. Vi produtor dizendo que é "a tecnologia que faz a revolução na vida da gente". Vi Fábio dizer que foi o APL que fez com que ele descobrisse como é possível ter acesso a informações para produzir leite de modo certo e rentável. Todos eles estavam desanimados, sem perspectivas, antes de surgir o APL. Agora, todos têm planos para crescer, têm metas. Todos estão confiantes quanto ao futuro.

Além disso, surgiram novos laticínios na região. Hoje são 16 laticínios e 17 fábricas de ração. A UEG mantém na região duas unidades e foi criada uma faculdade privada, com 6 cursos de graduação voltados ao agronegócio e três cursos de pós-graduação *lato sensu*. Também existe um curso técnico pós-médio em bovinocultura de leite, oferecido por uma escola estadual. O APL é formado por 15 municípios e já desenvolveu 40 projetos diferentes no pouco tempo de existência. Já tem, também, resultados a mostrar.

A competência é resultante de três ingredientes: conhecimento, habilidade e atitude. Líderes daquela região estão mostrando ser competentes. São pessoas que sonham o impossível e, com conhecimento, habilidade e atitude, transformam-no em fatos. Mais do que isso, começam a mostrar para o Brasil que leite não é sinônimo de pobreza, mas um antídoto.

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Com conhecimento, habilidade e atitude, produtores começam a mostrar que leite não é sinônimo de pobreza, mas, sim, um antídoto